

Absentismo na Universidade: Todos Perdem

Vencida a pandemia, tentamos recuperar em todas as frentes, desde as perdas de aprendizagem, ao desinteresse nos cursos, passando pelos comportamentos disruptivos de vários estudantes, e talvez, pelo problema mais persistente e generalizado de todos, como seja o aumento acentuado do absentismo dos estudantes.

Lançado o debate sobre o impacto dos momentos de Avaliação Distribuída na assiduidade da Licenciatura em Engenharia Química da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, foi proposto que se analisasse, para os estudantes acabados de entrar, o seu comportamento relativamente à presença nas aulas do segundo semestre do primeiro ano, sobretudo nas aulas teóricas.

As consequências académicas do absentismo começam a provocar uma profunda preocupação entre professores, educadores e investigadores, particularmente desde que recuperamos da pandemia da COVID-19. Um estudo recente, para o caso norte-americano [1], revela um aumento impressionante de 91% de alunos cronicamente ausentes – *i.e.*, faltando a mais de 10% dos dias letivos – entre os anos letivos de 2018-19 e 2021-22, atingindo uns perturbantes 6,5 milhões de estudantes. Este aumento do absentismo crónico afeta diversos grupos, incluindo estudantes com deficiência.

E embora o absentismo sempre tenha sido um problema de uma forma ou de outra, não há como ignorar que a pandemia da COVID-19 exacerbou a situação. Entre o ambiente virtual de aprendizagem, o aumento das preocupações com a saúde mental e física, e os novos hábitos relativos ao uso de transportes públicos (normalmente escassos e pouco fiáveis), as ausências dos alunos têm aumentado.

A falta de meios dos estudantes de contextos menos favorecidos traduz-se frequentemente em problemas relacionados com a dificuldade de transportes e a ausência de uma rede de apoio social devidamente dotada de recursos para além do suporte essencial. As consequências são notórias no desempenho dos estudantes, baixando as suas classificações e aumentando o tempo necessário para completar os cursos. As faltas regulares diminuem a capacidade de estudo independente, reduzem o



envolvimento dos estudantes nas atividades coletivas de aprendizagem, bem como o seu próprio envolvimento social. Se, por um lado, estudos recentes revelam consistentemente que a frequência regular conduz a um melhor exercício académico, por outro, o absentismo pode levar ao desinteresse e ao fraco desempenho, prejudicando o desenvolvimento e o sucesso dos estudantes [2].

Mesmo em unidades curriculares optativas em anos mais avançados, o absentismo torna-se notório, revelando que não é uma simples questão de compulsão. Questionados sobre os motivos do seu comportamento, as respostas dos estudantes incluem fatores como tempos longos de permuta entre o domicílio e a universidade (reflexo de uma crise habitacional cada vez mais acentuada), acesso a meios complementares de informação, e fraca valorização do tempo de contacto com o professor. E os efeitos sentem-se em ambos os sentidos afetando também a qualidade e o envolvimento do docente.

O fenómeno tem de ser entendido e tratado, sendo óbvio que penalizar as ausências não é solução, já que toda a gente é prejudicada com o absentismo, incluindo os estudantes regularmente presentes.

[1] T. S. Dee, *Proc. Natl. Acad. Sci. U.S.A.* **2024**, 121, e2312249121. DOI: 10.1073/pnas.2312249121.

[2] V. Limonova, A. M. P. dos Santos, J. H. P. S. Mamede, V. M. de Jesus Filipe, *Maximising Attendance in Higher Education: How AI and Gamification Strategies Can Boost Student Engagement and Participation*, in Á. Rocha, H. Adeli, G. Dzemyda, F. Moreira, A. Poniszewska-Marañda (Eds.), "Good Practices and New Perspectives in Information Systems and Technologies", WorldCIST 2024, *Lecture Notes in Networks and Systems*, Springer, Cham, **2024**, 988, 64-70. DOI: 10.1007/978-3-031-60224-5_7.

>
Joaquim Luís Faria

Presidente da Sociedade Portuguesa de Química
jlfaria@fe.up.pt